

 Biblioteca Eduardo Prado Coelho
Crónicas — Política e cultura

 **Biblioteca Eduardo Prado Coelho**
Crónicas — Política e Cultura

Organização e notas
Margarida Lages

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042

www.incm.pt
www.facebook.com/imprensanacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor
© Herdeiros de Eduardo Prado Coelho
©2019, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



1.ª edição: março de 2019
ISBN: 978-972-27-2753-2
Depósito legal: 451 412/19
Edição n.º 1023177

— PREFÁCIO

— A CULTURA, PRECISAMENTE

Se tivesse vivido na primeira metade do século passado, ou mesmo no final do século XIX, Eduardo Prado Coelho teria passado à posteridade como jornalista, tão contínua foi a sua presença nas páginas das principais publicações periódicas portuguesas ao longo da sua vida adulta. De facto, durante quatro décadas, de finais dos anos 1960, quando veio agitar as águas paradas da crítica periódica de cinema nas páginas do *Diário de Lisboa*, até aos seus últimos dias de vida, com assinatura diária no *Público*, o Eduardo nunca deixou de escrever para os jornais, fazendo-o com um delicado equilíbrio entre a intervenção político-cultural, sempre acutilante, e a crónica literária, sempre estimulante. Tornou-se, por isso, o intelectual português procedente do meio académico com mais frequente e descomplexada participação no espaço público, fazendo-o através de uma produção incessante destinada a ser veiculada através da imprensa escrita. E, seguramente, um dos de mais clara visibilidade mediática, ainda que a televisão nunca tenha sido o seu meio de comunicação preferido. Foi, além disso, professor universitário, responsável cultural da diplomacia portuguesa em França, escritor de diversa produção,

UM MINUTO DE ATENÇÃO¹

POLÍTICA, CULTURA E POLÍTICA CULTURAL

À crónica pede-se-lhe que seja oportuna e inteligível, oferecendo uma visão clara do que pretende transmitir. É mais ou menos assim a definição clássica que o *Dicionário da Literatura Portuguesa*² nos oferece sobre este género de texto, hoje apelidado de opinião.

Neste conjunto que agora se apresenta, estão reunidos alguns dos textos que demonstram a importância de pensar a cultura, e de como esta problemática atravessou praticamente toda a escrita de Eduardo Prado Coelho. São 33, mas poderiam ser muitos mais.

Ao longo do percurso de leitura que é proposto, não necessariamente cronológico, evidencia-se a noção de que para Eduardo Prado Coelho a cultura é um direito fundamental da vida humana, desenvolvendo e potenciando a possibilidade da informação, como motor da liberdade de escolha.

Ver hoje os textos de Eduardo Prado Coelho torna-se uma obrigação para pensar a política cultural, para entender que só se pode intervir numa realidade que se conhece. O panorama das artes e da comunicação mudou muito, mas curiosamente

¹ Título tomado de empréstimo de um texto de Eduardo Prado Coelho, publicado a p. 133 de *Situações de infinito*.

² Coelho, Jacinto do Prado, *Dicionário da Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1978.

Sentado em frente do mar, levanto os olhos para continuar a ler. As palavras rompem como palavras de água. O mundo faz-se gota a gota, no infinito de um oceano em que os barcos traçam caminhos, sulcos, traços marítimos e inscrições de alto mar. Estranha emoção a de ficar transparente às palavras que parece que reforçam a minha transparência. Toda a leitura nos faz crianças, e nos constrói na energia da areia.

Como lemos? À noite, no quarto em que as velas se acendem e nós abrimos a arca dos segredos. Sobre as dunas, inundados de sol. Nas longas tardes em que nas praias nos convidavam ao calor da sesta. Junto às árvores, encostados ao saber murmurado da terra. Em cartas que se trocavam entre mim e ti, formas telegráficas de repercutir o amor no silêncio dos corpos.

Comprar um livro era (e continua a ser) para mim uma deambulação por estantes e corredores. Descobrir aquilo que se chama «as novidades» passava por algo que lentamente se tornou uma arte e uma ciência avermelhada de todos os apelos. E sempre houve um bater do coração, um mergulho nas águas perante um livro novo. Comprá-lo, apagar-lhe o preço, levá-lo sofregamente para casa, arrumá-lo provisoriamente na mesa de cabeceira, folheá-lo encostando-o à insónia e ao

sono, deixar que a areia se espalhe pelas suas páginas, tudo isto são gestos de um cerimonial que se repete mil vezes ao longo das nossas vidas. Da nossa língua vê-se o mar, escreveu um dia Vergílio Ferreira, alguém para quem a vertical do sol sobre o corpo leitor na areia foi sempre uma experiência de deslumbramento. Porquê abrir a janela de tantos textos que depois se fecham como todas as janelas? Porque todas as janelas se inscrevem no trabalho dos pintores. E para quê a areia que nos envolve? Para nos trazer a música dos barcos cantantes sem a qual não existe a literatura.

Na grande experiência da literatura podemos sublinhar três aspetos. Por um lado, não há escrita que não tenha a sua música, o seu fluxo de água incendiada, a sua corrente de escrita. Alguma da literatura que hoje se escreve opera no esquecimento deliberado deste princípio. É ele que faz que a interioridade de um texto seja ao mesmo tempo uma abertura para um exterior, mais do que uma relação com o não-texto, mais também do que uma janela junto ao mar, uma porta. Um dia Fiama Hasse Pais Brandão escreveu «O texto de Joan Zorro»: «Levando ao limite, homenagem, o gesto da escrita, posso atribuir os meus textos / a Joan Zorro. Existimos sobre o anterior. O movimento da escrita e da leitura / exerce-se a partir da menor mutabilidade aparente da pedra / e da maior mutabilidade da grafia. O progresso dos textos / é epigráfico. Lápide e versão, indistintamente»

Em segundo lugar, há uma relação da arte com o pensamento que vai além do tema do pensamento. Como escreveu um dos grandes poetas do século xx, Wallace Stevens: «A cor como um pensamento que cresce». Ou, se preferirem: a palavra como um pensamento que cresce. Quando dizemos «um pensamento», não estamos a falar em ideias, mas sim numa realidade sempre inesperada em que se vai até ao caos para criar o cosmos e o percurso exige uma reflexão obstinada: pensa-se em imagens, e essa é uma das grandes evoluções do nosso tempo da modernidade (daí a crise da teoria literária na sua forma tradicional), tal como se pensa em sons ou grafismos, ou sinais, ou gestos.

Num dos mais famosos fragmentos deste poema, «O homem da viola azul», escreve Wallace Stevens: «A poesia é o assunto do poema / Disto o poema surge e / A isto regressa. Entre os dois, / Entre surgir e regressar, há / uma ausência na realidade, / As coisas como são. Ou assim dizemos. / Mas são estas distintas? É / Uma ausência para o poema, que adquire / aí as suas verdadeiras aparências, o sol é verde / A nuvem é vermelha, a terra sentimento, o céu que pensa? Destes ele retira. Talvez dê. / Na permuta universal.»

Em terceiro lugar, a leitura é sempre uma experiência mágica, se for uma composição das palavras que crescem, daquelas que nos chegam do mar e a ele regressam. Ler, seja qual for a idade em que lemos, está ligado à infância. Esse extraordinário leitor, e também escritor, que é Alberto Manguel, propôs uma distinção: «Falas como um livro impresso, dizem eles. Que quer isto dizer? Trata-se de duas visões opostas da linguagem como instrumento de comunicação. Sabemos que a linguagem pode permitir ao falante permanecer à superfície da reflexão, pronunciando *slogans* dogmáticos e lugares comuns a preto e branco, transmitindo mensagens mais do que sentido, colocando o peso epistemológico sobre o auditor (como em ‘estás ver o que eu quero dizer?’). Ou então pode-se tentar recriar uma experiência, dar forma a uma ideia e explorar em profundidade e não apenas à superfície a intuição de uma revelação». Se a diferença instituída por Alberto Manguel se revela inteiramente pertinente, há nela o excesso de um esquema de texto em que o conteúdo vai ao encontro da sua revelação, e talvez a palavra «comunicação» possa ser algo redutora. Falar em «dar uma forma a uma ideia» vai no sentido de uma literatura em que as ideias pré-existem às formas. Ora, em literatura, as ideias e as formas confundem-se numa matéria indefinível, num oceano sem nome. E, se há comunicação, é a comunicação desse momento em que a realidade passa por uma ausência que a torna real e faz que, numa evidência sem reserva, as coisas sejam apenas uma presença solar esplendorosa, aquilo que desde sempre são e que continuarão a ser, num país sem limites.

ÍNDICE

5	PREFÁCIO
9	NOTA INTRODUTÓRIA
15	AGRADECIMENTOS
17	ALGUÉM MOVE O MAR
23	DE CORPO PERDIDO
27	PARA ONDE VAI A POLÍTICA CULTURAL?
29	CULTURA, ALGUNS EXEMPLOS
34	SERÁ QUE REGULA?
38	O FUTURO DA CULTURA (1)
40	O FUTURO DA CULTURA (2)
42	OS DINHEIROS DA CULTURA
46	HAVERÁ POLÍTICAS PARA A CULTURA?
51	TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR A ROMA
55	EUROPA E SARAJEVO
59	DAR TEMPO AO TEMPO
63	LENTES PROGRESSIVAS
65	OS SUPLEMENTOS DA CULTURA
69	A FRATURA CULTURAL
73	MEGA/FRANKFURT
77	POLÍTICA CULTURAL EXTERNA, UM BALANÇO
85	BACH OU RAP?
89	EFEITOS DA TÉCNICA
93	ERÓTICA DO TELEMÓVEL
95	A GLOBALIZAÇÃO FÍLMICA
97	UM POEMA DE BAUDELAIRE
101	ZAKI EM LISBOA
104	UM NOVO PARADIGMA
106	OS ESTEREOTIPODEPENDENTES

108	BOLSAS DE CRIAÇÃO
110	QUE FAREMOS NÓS COM ESTA TELEVISÃO?
127	OS ÁLIBIS DO CULTURAL
131	UMA GERAÇÃO RASA
135	COMO OS JOVENS VIVEM A CULTURA
137	A PRAIA
139	CONTRA O PESSIMISMO CULTURAL
143	POLÍTICAS CULTURAIS
149	PROVENIÊNCIA DOS TEXTOS
153	ÍNDICE ONOMÁSTICO



Design

Henrique Cayatte Design
com Susana Cruz

Fotografia da contracapa
Daniel Mordzinski

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre

Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Composição

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Impressão e acabamento

Imprensa Nacional-Casa da Moeda



 **SPAUTORES**
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

102450100001000020055

ISBN 978-972-27-2753-2



9 789722 727532